

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- APPEL, Myrna Bier, et alli. (org.). **Caminhos para Liberdade**. A Revolução Francesa e a Inconfidência Mineira (as letras e as artes). 1991, 274p. Constitui-se num instrumento impar para a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de uma reflexão acerca das produções, sobretudo literárias e artísticas, mas também ideológicas e filosóficas, bem como dos processos e das práticas que surgiram no bojo da formação da modernidade. Em co-edição com IEL/FAPERGS.
- BAGBY JÚNIOR, Alberto. **Machado de Assis e seus Primeiros Romances**. 1993, 136p. A obra pretende reabilitar as obras da primeira fase romanesca: Ressurreição, A Mão e a Luva, Helena, Iaiá Garcia e Casa Velha. Chama a atenção a maneira de apresentar os referidos romances trazendo para estas páginas a visão crítica de autores brasileiros, americanos e ingleses.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL
Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3323
FAX: (051) 339-1564

FERNANDES PINHEIRO E AS RELAÇÕES FRANÇA-BRASIL

MARGARETE EDUL PRADO DE SOUZA
UFAC

As pessoas extraordinárias dependem dos tempos em que vivem. Nem todos tiveram a época que mereceram, e muitos, embora a tivessem, não souberam aproveitá-la. O sábio porém tem uma vantagem: é eterno e se este não for o seu século muitos o serão. (Baltasar Gracian¹)

Desde o nosso primeiro contato com três cartas manuscritas,² datadas do século XIX, (inéditas?), endereçadas ao Cônego Fernandes Pinheiro, no Brasil, provenientes de Ferdinand Denis, na França, tivemos, obviamente, nossa curiosidade despertada pelas figuras centrais desta correspondência. O remetente, diretor da Bibliothéque Sainte Geneviève em Paris, desfrutava de enorme prestígio entre a elite intelectual brasileira da época, em virtude de suas viagens ao Brasil por volta de 1816 e 1821, e das obras³ que publicou sobre a nossa terra, tornando-se um especialista em assuntos brasileiros, o que fez dele um dos maiores correspondentes dos homens cultos do reino, inclusive D. Pedro II.

A respeito disso podemos ler em Rouanet:

Estabeleceu-se um longo processo que ia fazendo de Denis, com o passar dos anos, cada vez mais o especialista europeu em assuntos de Brasil, e isto nos dois sentidos: do Brasil para a Europa, e vice-versa, a troca de informações era freqüente e abundante.⁴

O destinatário, por sua vez, foi capelão do Paço Imperial e amigo do Imperador. Foi catedrático de Retórica, Poética e Literatura Nacional do Colégio Dom Pedro II, dirigiu revistas literárias, publicou vasta e diversi-

¹ GRACIAN, Baltasar (1601-1658). *Oráculo manual e arte de prudência*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. p. 25.

² Estas cartas foram escritas entre 1862 a 1868. Chamaremos de primeira a datada de 05 agosto 1862; de 2ª a de 24 abril 1867 e de 3ª, a de 24 junho 1868.

³ Podemos citar: *Le Brésil* (em colaboração com Hypolite Taunay), 6 vols., 1821-1822 e *Résumé de l'Histoire du Brésil*, 1825, adotado nas escolas primárias brasileiras por ordem do governo imperial.

⁴ ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 152.

ficada obra,⁵ com estudos sobre artes, literatura, história, geografia e outros, tendo escrito inúmeras biografias e artigos para a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*,⁶ do qual foi primeiro secretário por 17 anos. Além do IHGB, o sacerdote foi membro das Sociedades Geográficas de Paris e New York e das Academias de Ciências de Lisboa e de Madri. Sem falar no Instituto Histórico de França, cuja filiação do Cônego será comentada na análise das cartas.

Continuando nossa pesquisa sobre Fernandes Pinheiro, observamos que o Cônego foi tratado sem muita simpatia pelos críticos e historiadores subseqüentes da literatura brasileira, como por exemplo: Sílvio Romero, José Veríssimo e Ronald de Carvalho.⁷ Também quase nenhum destaque lhe é dado na *História concisa da Literatura Brasileira* de Alfredo Bossi e podemos encontrar umas poucas páginas a respeito do Cônego em Afrânio Peixoto, Nelson Werneck Sodré, Wilson Martins e Antônio Cândido. A crítica positiva vem exatamente de um seu sobrinho Mário Portugal Fernandes Pinheiro, que em 1958, ocasião do centenário do Cônego como afiliado do IHGB, dedicou-lhe todo um número da revista do Instituto, onde reuniu "trabalhos esparsos, devidos a penas ilustres ou especializadas, alguns inéditos, outros já publicados...",⁸ reivindicando para o tio o posto de fundador de nossa historiografia e crítica literárias.

De posse destas informações, indagamo-nos: Teria o Cônego enfrentado problemas de desprestígio entre os intelectuais de seu tempo? Teria forçado uma correspondência com Denis em busca de afirmação no cenário culto nacional? As cartas poderiam ajudar nestas questões uma vez que evidenciam um intercâmbio institucional que favorecia ambos os lados? Ou estamos nada mais que diante de dois colegas de ofício, sócios do mesmo IHGB, "trocando figurinhas"? Apresentamos algumas de nossas reflexões à guisa de colaborar com subsídios para posteriores estudos e debates.

Na função de secretário do IHGB, o Cônego manteve correspondência com muitas figuras eminentes do Brasil e de outros países. Denis deve ter sido um dos mais importantes correspondentes do Cônego, ainda mais porque Rouanet acrescenta que "dele (Denis) serviam-se os brasileiros

para obter referências, indicações, publicações [...] e mesmo favores diversos".⁹ E assim sendo, o padre brasileiro não hesitou em solicitar muito mais que livros ao francês:

seus prestimosos serviços não se limitavam ao fornecimento de obras ou de informações. Ferdinand Denis é o intermediário sempre presente em qualquer relação entre a intelectualidade do Brasil e a França. É nesse sentido que o Cônego Fernandes Pinheiro lhe envia uma carta, em maio de 1867 para 'agradecer a obsequiosa solicitude que [Denis] empregou em prol de [sua] pretensão a membro do Instituto Histórico de França'... 'nenhuma dúvida me resta de que serei admitido em tão sábio grêmio'.¹⁰

No trecho citado talvez tenhamos uma das possíveis razões de Fernandes Pinheiro manter uma correspondência com o historiador francês: a pretensão de ser membro do Instituto Histórico de Paris, posição de status na sociedade daquele tempo. Tal fato seria de grande vantagem para o Cônego na hipótese do desprestígio, e no caso contrário, consolidaria qualquer renome que já tivesse obtido em meio ao centro cultural brasileiro. Na segunda carta, das focalizadas neste estudo, o francês se desculpa por ainda não ter atendido o pedido do sacerdote, apesar de assegurar-lhe da facilidade da tarefa, ao mesmo tempo agradece por ter lhe completado a coleção da Revista do IHGB:

Rien ne sera plus aisé que de satisfaire votre désir au sujet de l'Institut historique de Paris... Ma prochaine lettre vous donnera je l'espère satisfaction. Je ne saurais trop vous remercier en attendant Monsieur l'abbé, du soin obligeant avec le quel vous avez bien voulu faire complete ma collection de la *Revista*. (2ª carta)

Pela coincidência do assunto e pela continuidade do diálogo, parece que o clérigo responde à carta de Denis, o que poderia ser confirmado pelas datas próximas. O francês escreve em 4 de abril de 1867 dizendo que será fácil obter a colocação de sócio do Instituto Histórico de França almejada pelo outro; este responde no mês seguinte, maio, tal qual datado na citação de Rouanet, confirmando não ter dúvida de ser aceito na associação francesa em virtude da solicitude de Denis. Personagem insistente ou não, o Cônego veio a conseguir a nomeação, como podemos ler no artigo de Celso Vieira "O Cônego Fernandes Pinheiro".¹¹

A primeira carta, de 1862, mostra que Fernandes Pinheiro não perdia tempo quando se tratava de trabalhar para afirmar-se como historiador, ou ao menos pela manutenção do status adquirido como secretário do IHGB. Nesta carta, o escritor francês faz uma crítica ao *Curso elementar de literatura nacional*, obra que o Cônego publicara neste mesmo ano de 1862 e

⁹ ROUANET, opus cit. p. 152.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 153.

¹¹ In: *Revista do IHGB*, opus cit. V. 240, p. 191.

⁵ Das obras do Cônego, de maior destaque, citamos *Curso elementar de literatura nacional*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862. Para um estudo completo das obras do e sobre o autor ver BRAGA, Osvaldo Melo. "Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro: ensaio bibliográfico", in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1958, V. 240, p. 232.

⁶ Ao nos referirmos ao Instituto usaremos daqui por diante a sigla IHGB.

⁷ Pode-se ler a respeito no artigo de LACERDA, Virgínia Cortes de. "Reivindicações críticas em torno da obra do Cônego Fernandes Pinheiro", in: *Revista do IHGB*. Opus cit., V. 240, 1958, p. 216.

⁸ Ver *Revista do IHGB*, V. 240, opus cit. p. 98 em diante. Outros trabalhos de Mário Portugal sobre o Cônego na revista do Instituto, ver "Esboço bibliográfico", in V. 217, 1952, p. 109-130 e Cônego Fernandes Pinheiro (Vida e Obra) no V. 238, 1958.

enviara cópia a Denis. É bem provável que o sacerdote se aproveitava da correspondência com Denis, da troca de favores, para cair nas boas graças do historiador francês, afinal, além de seu (justo) desejo de integrar os quadros do Instituto Francês, se a obra do Cônego tivesse uma apreciação positiva por parte de Denis, quem ousaria no Brasil daquele tempo, contestá-lo?

Se bem que, enviar livros a Denis, particularmente os de própria autoria, era procedimento comum dos brasileiros intelectuais da época, segundo podemos ler em Rouanet:

[Denis] podia contar com a colaboração dos 'literatos' brasileiros, que nunca deixavam de lhe fornecer qualquer informação sobre o país. Não havia publicação que não lhe fosse enviada..., nem acontecimentos que lhe não fossem relatados nos mínimos detalhes.¹²

Não seria esta atitude, dos brasileiros com Denis, um reflexo em escala menor da relação periferia-centro, do Brasil com a França? Relações intelectuais, mesmo (ou sobretudo...) quando intermediadas por instituições são sempre ambíguas e complexas, e neste caso, o relacionamento entre um intelectual da periferia (Fernandes Pinheiro) e outro metropolitano (Denis), parece, inevitavelmente, determinar uma relação hierárquica. Esta hierarquia intelectual, por sua vez, duplica a posição de submissão e subordinação do Brasil diante das nações européias.

Apesar (ou em razão da...) hierarquia, é possível que o Cônego considerasse (ou buscasse dar a impressão de) estar numa relação inter pares com Denis. Da mesma forma que o francês estivera no Brasil, Fernandes Pinheiro já viajara pela Europa, tendo se doutorado em Teologia em Roma. Além de 27 anos mais novo que Denis, o Cônego, desde os 29 anos, tinha a fama de ser um dos grandes historiadores do reino, quando com o trabalho intitulado "Ensaio sobre os jesuítas" conseguira o título de sócio efetivo do IHGB, fama esta diversas vezes reiterada nos artigos reunidos na *Revista do IHGB*, v. 240. Detalhes com estes tornam, assim, sobretudo visível a audácia do padre em tecer comentários à obra de um dos mais renomados escritores da época, status que Denis desfrutava entre nós. Temos o discípulo criticando o mestre. Veja-se trecho da primeira carta:

si mes autres écrits avaient été amenés par hazard sous vos yeux, vous auriez acquis la conviction, je crois, que je ne méritais pas les paroles sévères dont vous avez qualifié un des passages de mon livre.

Denis sutilmente sugere ao Cônego que é necessário conhecer outras obras dele (Denis), antes de emitir julgamento tão severo sobre uma delas. Assim, o francês se justifica perante o clérigo, que, por sua vez, ao estar

criticando (com a severidade alegada) a obra de alguém tão famoso quanto Denis, ou era um ingênuo atrevido que pensava entender das coisas, ou um gênio que merece ser reestudado. Não obstante, as cartas estudadas são da parte do mestre francês e seria obrigatório a leitura das cartas do Cônego, cujos originais com certeza se encontram na Bibliothéque Sainte Geneviève, para reflexões mais conclusivas a respeito de Fernandes Pinheiro.

Enfim, é fato que o Cônego tenha sido um dos interlocutores de França, correspondente de um intelectual de primeira linha, mas de resto a maioria dos sócios do IHGB também o foram, até mesmo o imperador, também sócio do mesmo Instituto. Seja como for, esta correspondência parece atestar que a figura e a produção de Fernandes Pinheiro estava intimamente ligada e dependente da "instituição", porque em razão da posição que ocupava no IHGB é que teve acesso a homens como Denis, através dos quais poderia projetar sua obra.

¹² ROUANET, opus cit. p. 152.